

A Nação Qualitativa no Continente do Conhecimento: A Busca da Essência da Investigação Qualitativa.

Serafim Camalhão¹

¹ Mestre em Sociologia das Organizações do Trabalho e Emprego, Doutorando em Sociologia ISCTE IUL, Portugal; serafimleopoldo@hotmail.com

Resumo. Aquele que anseia e procura o conhecimento viaja, por um vasto continente constituído várias nações e lugares selvagens pouco conhecidos ou inexplorados. Conhecer e explorar este continente fabuloso, exige a utilização de vários mapas, guias e uma bússola. Quem tentar fazê-lo sem estes instrumentos perder-se-á. No campo das Ciências Sociais, fala-se em pesquisa quantitativa, qualitativa e mista, mas nem sempre se sabe do que está a falar. Os pontos cardeais neste continente são o qualitativo, quantitativo, qualitativo/quantitativo e quantitativo/qualitativo. Os dados presentes no campo de pesquisa, não são, nem qualitativos nem quantitativos; dependem das opções do investigador e isso remete para questões epistemológicas, ontológicas e metodológicas que precedem o trabalho de campo. Este artigo, centra-se no que se entende por pesquisa qualitativa enfatizando os seus traços para evidenciar uma distinção que apesar de artificial é necessária.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Pesquisa Quantitativa; Distinção; Metodologia; Teoria.

Qualitative Nation in the Continent of Knowledge: The Search of Qualitative Research Essence

Abstract. Anyone who seeks and is longing for knowledge travels across a vast continent with several nations and savages places little-known or unexplored. To know and explore this fabulous continent requires the use of several maps, guides and one compass. Who try to do it without these instruments will lose themselves. In the Social Sciences field, it is used the terms, qualitative, quantitative and mixed research, but sometimes it is not known what is talking about. The cardinal points in this continent, are qualitative, quantitative, qualitative/quantitative and quantitative qualitative. The data present in the research field aren't qualitative or quantitative, that depend the choices of the researcher, but that send all to epistemological, ontological and methodological questions that precede the field work. In this paper, it is emphasizing the traces of qualitative research to do a needed distinction.

Keywords: Qualitative research; Quantitative research; Distinction; Methodology; Theory.

Prologo

Pretendo com neste artigo, homenagear os fundadores da Sociologia em Portugal e todos os que no período de 1926 com instauração do Estado novo e 25 de Abril de 1974 leccionavam investigaram em qualquer ramo das Ciências Sociais e Humanas. O testemunho dado por Pinto (2004) e Adérito Sousa Nunes (1998), referem-se a um período histórico em que se assistiu à corporização da produção científica onde se procurava mascarar a realidade social. Os docentes e investigadores do GIS – ICS com muita imaginação, através da Revista *Análise Social* conseguiam romper a censura. Neste contexto, era difícil senão impossível ir para o campo e fazer produção empírica em Portugal. O que li desse período de tempo, tem para mim, mostrado intemporal, uma referência pela qualidade, profundidade e reflexão nas várias áreas das Ciências Sociais. A qualidade dos artigos da revista *Análise Social* desse período de tempo, é explicada por um contexto (Pinto, 2004) a compensação que os investigadores e académicos tinham, pois, apesar de impedidos fazer investigação empírica, podiam sempre, comentar e reflectir sobre os desenvolvimentos das Ciências Sociais que aconteciam fora de Portugal, assim como de uma forma mais teórica, nada os impedia de

pensar abstractamente os diversos temas que se discutiam na época. A falta de referenciais empíricos era compensada pela discussão, profundidade e reflexão em cada artigo publicado.

Após 1974, deu-se o retorno da pesquisa empírica, em que esta surge na conjunção da teoria com o confronto pelo teste empírico (Almeida & Pinto, 1986), no entanto, tal não dispensa a necessidade de olhar para pensar o que precede, prepara o trabalho de campo e assim reflectir sobre as práticas que lhes estão associadas.

O mesmo tema, visto por outro prisma, mostra que (Habermas, 2009), a ciência e a técnica são formas das comunidades académicas intervirem socialmente (Kuhn, 1998) potenciando e limitando os investigadores, (Lakatos, 1970) cada escola de pensamento tende a reproduzir os seus próprios conteúdos. No contexto deste artigo, a afirmação que o trabalho científico é mediado, necessariamente por uma reflexão sobre as suas práticas e o mundo, ferramentas teórico/metodológicas que precedem o trabalho de campo, o acompanham, transcendendo o mesmo. A reflexão sobre aspectos teóricos e metodológicos são tão importantes quanto os aspectos empíricos.

Este artigo é o convite ao retomo de uma forma modesta, a uma tradição mais orientada para uma reflexão sobre a produção científica, contribuindo para o desenvolvimento de ferramentas úteis para o trabalho científico e produção de conhecimento científico. Olhando para os dias de hoje, verifico que o acesso a uma carreira de investigação não é fácil, nem sempre tem projectos em carteira e nem sempre há financiamento para projectos de investigação. O usual é que após um percurso académico ou de investigação tenham, que optar por outro modo de vida, desejando continuar ligados ao meio académico, mesmo sem acesso à pesquisa empírica, continuam com sede de conhecimento. Os trabalhos produzidos entre este período de 1926 e 1974 por motivos diferentes permitem a todo o que tendo capacidade, conhecimento e vontade continuem ligados ao mundo académico, estimulando-se e ajudando todos que no campo, utilizam os instrumentos concebidos pela análise crítica e reflexão.

Introdução

Todo o investigador é um peregrino na terra do conhecimento, tem que lidar em cada momento com a serendipidade, é um lugar onde lhe reserva a surpresa e o inesperado (Merton & Barbier, 2004). O problema é que, para cada descoberta torna-se necessário classificar o que surge como novidade. Para conhecer, é preciso organizar e categorizar, nomeadamente saber do que se está a falar, transformar uma coisa num objecto identificado, dar sentido ao que se descobre e transformar conhecimento subjectivo em objectivo claro e identificável, fazer distinções mesmo que artificiais.

Uma das questões que se colocam aos investigadores está, na dicotomia artificial entre quantificação e qualificação. A distinção é artificial, porque os dados são neutros. É uma questão ideológica e pessoal, na forma de analisar os resultados em que se tem de optar por uma abordagem qualitativa, quantitativa ou mista, na forma de conceber um qualquer projecto de investigação. O problema que coloco enquanto leitor frequente da produção académica, e participação em alguns congressos, está em ter dificuldade em classificar o que me é dado ouvir, ver e ler. Verifiquei que facilmente se confunde estudos quantitativos, qualitativos e mistos, sem que se perceba do que se está a falar. A questão que coloquei não é nova, é recorrente na literatura, em que, por exemplo Martyn Hammersley (2013, pp. 1 - 14) coloca: O que é a pesquisa qualitativa? Este autor procura uma definição sem encontrar uma resposta clara. Apresenta-se quatro caminhos: o primeiro caminho está em procurar nas definições as características exclusivas de uma abordagem qualitativa. Cedo se descobre que a qualificação é parte do processo de produção científica em geral; o segundo caminho, vai à origem epistemológica da palavra qualitativa; o terceiro caminho consiste em

procurar traços mais frequentes nos trabalhos de investigação qualitativa, mas facilmente se descobre uma realidade heterogénea; e por último, o contraste entre a pesquisa qualitativa e quantitativa apresenta vantagens, no entanto, não é raro ambas as abordagens encontrarem-se. A conclusão é que a principal característica da pesquisa qualitativa, é a sua abertura a várias soluções e combinações nas Ciências Sociais, permitindo vários estilos de pensar e fazer ciência.

O problema que se coloca, está numa grande variabilidade das formas e expressões de pesquisa qualitativa a torna difícil identificar. Umberto Eco (1991, p. 48) lembra que uma característica da cientificidade indica que a *“A pesquisa debruça-se sobre um objecto reconhecível e definido de tal modo que seja igualmente reconhecível pelos outros”*, no exemplo dado pelo autor se quisermos procurar a figura mitológica e improvável de um centauro, ter-se-á que o caracterizar para o poder encontrar. A solução do problema, está em aproveitar todas as contribuições de como caracterizar uma pesquisa qualitativa, criando critérios para que todos a possam identificar.

1 Proposta: Criar um Tipo Ideal para Identificar a Pesquisa Qualitativa.

A criação de um tipo ideal para fazer distinções entre pesquisa quantitativa e qualitativa, é uma solução possível para o problema. A utilização de tipos ideais (Weber, 1995, p. 31) é um meio de explicitar as relações irracionais importantes, constitui-se como uma construção que tem por base a racionalidade e finalidade. O problema apresentado, fala em pesquisa qualitativa corresponde (Denzin & Lincoln, 2011), a uma grande variedade de técnicas, métodos, metodologias e filosofias que se torna difícil estabelecer fronteiras. O desafio na criação desta tipologia, está em utilizar as principais características (Hammersley, 2013), atribuídas à pesquisa qualitativa e quantitativa, sendo que esta, terá de ser simples, claro, que integre os aspectos fundamentais de modo a não excluir quaisquer metodologias qualitativas, ser abrangente, simples e claro que permita integrar as diversas variações ou especificidades de cada metodologia Nesta abordagem (Lallement & Lima, 2009) lembra que os tipos ideais são apenas instrumentos de compreensão e comparação com a realidade, explicitando as relações sociais.

Em termos de classificação, a resposta começa por explorar os termos pesquisa qualitativa, mista e quantitativa, (Creswell, 2014, pp. 3 – 5) indica que a divisão é artificial e que todas as formas de pesquisa encontram-se numa linha contínua, com uma tendência para se tornarem mais quantitativas ou mais qualitativas. A pesquisa quantitativa e qualitativa, não existem na sua forma mais pura é um tipo ideal de uma construção conceptual e mesmo ideológica. O modelo apresentado existe independentemente da realidade é um raciocínio lógico (Weber, 1995), um instrumento útil que possa fazer distinções do que poderá ser qualitativo e quantitativo.

A representação gráfica desta tipologia em construção é uma linha composta por três pontos: à esquerda a pesquisa qualitativa, no meio mista e à direita quantitativa. As pesquisas não existem na forma pura, mas sim muitas vezes misturando aspectos qualitativos e quantitativos. Na literatura (Morse & Maddox, 2014) utiliza-se o termo QUAN, sendo que todos os elementos são integrados numa forma quantitativa e QUAL quando seguem uma lógica qualitativa, daí que a linha terá de ter cinco pontos, a que se juntam pesquisa organizada qualitativamente e pesquisa organizada quantitativamente como se pode observar na figura 1.

A simplicidade da figura foi inspirada na Escala de Likert (Likert, 1932), composta por cinco pontos que mede a atitude dos participantes do mais favorável ao mais desfavorável. Aqui não se trata de dar um valor mas sim, posicionar uma pesquisa que se encontra entre uma abordagem qualitativa e quantitativa.



Fig. 1. Proposta de classificação das pesquisas tendo em conta o polo quantitativo e qualitativo com base em Creswell (2004) e Morse & Maddox (2014).

A linha representa os requisitos mínimos necessários para que qualquer pesquisa possa se colocar entre as Ciências Sociais e Humanas, lembrando que segundo Habermas (1990, pp. 82 - 83), *o comportamento humano não é reconstituível num modelo de acção racional* para afirmar que neste ideal tipo, está a indicar que não se pode importar os modelos das ciências nomotéticas sem ter em conta a sua especificidade. Bravo (1992, pp. 17 – 20) por seu lado, indica, que a ciência caracteriza-se por ser *um conhecimento sistematizado sobre uma matéria* cujos conteúdos consistem num conjunto de conhecimentos sobre a realidade em forma de enunciados, de teorias nos quais os conceitos não têm necessariamente de estar relacionados com os factos, mas sim, concepções que permitem abarcar a realidade, estuda fenómenos observáveis e utiliza metodologias, procedimentos na recolha e análise dos dados, o método científico. Estas características que constituem o ser sistemático, racional, abstracto, empírico e metódico, são a base de qualquer ciência, sendo possível reconstituir todo o processo lógico, racional e objectivo que levou aquela conclusão ou resultado de um estudo científico.

Na linha encontram-se os três pontos base imaginários: pesquisa qualitativa, mista e quantitativa. Os dois pontos extremos são estéreis, pobres e muito limitados, o meio não existe na realidade posicionando-se um pouco mais à direita ou esquerda (Creswell, 2014). Na pesquisa quantitativa Mills (2000) em 1959, demonstrava que as grandes teorias ignoravam quer o investigador quer a realidade e denunciava a utilização das estatísticas para tudo, conforme o ponto de vista e a standardização em nome de uma maior racionalização, transformou o trabalho científico numa mera questão burocrática.

A questão na pesquisa qualitativa, coloca-se na variedade (Denzin & Lincoln, 2011), de formas de pensar e fazer investigação, (Corbin & Strauss, 2015) flexíveis, tendo o investigador como principal instrumento de observação orientada para a descoberta, permitindo alguma ambiguidade e subjectividade. Nestes contextos, colocam-se vários problemas: (Flick, 2005, pp. 47 – 53) a investigação quanto menos específica, maior é o risco do investigador em se perder, colocando-se a questão da credibilidade e representatividade; (Patton, 2015, pp. 660 – 721), a pesquisa qualitativa tem por base a generalização naturalística aplicada a casos particulares, em extremo, pode não ter a profundidade ou que resultados não sejam significativos. Quanto mais aberta for a investigação, mais exigente se torna para o investigador em termos teóricos, metodológicos e técnicos (Corbin & Strauss 2015). A inexperiência do investigador pode comprometer a sistematicidade, a coerência e clareza do trabalho científico realizado.

2 Percorrer a Classificação

A classificação está centrada na pesquisa qualitativa, tendo em conta a pergunta base deste artigo. Há o contraste entre o qualitativo e o quantitativo entre os dois pontos da escala. A classificação

apresentada é baseada em quatro critérios comparativos entre pesquisa qualitativa e quantitativa: texto *versus* número, flexibilidade *versus* standardização, contexto *versus* abstracção e dar voz *versus* neutralidade axiológica.

2.1 Texto *Versus* Número

O primeiro confronto que se coloca neste campo, é o texto ou palavra associado à qualificação confrontado com o número na quantificação. Na generalidade dos autores (Dey, 1999; Miles, Huberman & Saldaña, 2014), surge a evidência que ambos os aspectos se encontram em todas as pesquisas. A pesquisa qualitativa, tem por base o texto ou palavras alicerçadas nos conceitos ou significados enquanto o número existe numa forma rudimentar a denominada contagem. A utilização de números, é aceite desde que não abafem as palavras, mas a expressão principal é o texto, numa concepção pura de pesquisa qualitativa a toda a análise e sua apresentação de dados deve ser feita na forma de texto. No caso da pesquisa qualitativa trata-se de uma questão de medida está em testar e verificar teorias o que se revela pela utilização de testes estatísticos que representam populações em amostragens probabilísticas tudo pode ser transformado em números e testado (D'Ancona, 1998).

Na classificação que se apresenta, uma pesquisa qualitativa pura, coloca-se a questão da amostra e universo de estudo, aplica-se a casos particulares, pequenos grupos, comunidades e instituições com uma pequena dimensão ou a um problema difícil de estudar (Maxwell, 2013), onde a amostragem é intencional. A pesquisa organizada qualitativamente surge na dificuldade, na forma pura, (Miles, Huberman & Saldaña, 2014), em analisar e condensar uma grande quantidade de dados, pelo que a utilização de números pode ser vantajosa. O mesmo acontece em relação à amostra (Maxwell, 2013), se a ambição de generalização implicar grandes unidades sociais maiores, pode ser útil importar elementos das metodologias quantitativas, nomeadamente uma amostragem aleatória.

Quais são os limites, em relação ao número que distingue a pesquisa qualitativa da organizada qualitativamente? A estatística não paramétrica dedica-se a estudar amostras de pequena dimensão, (Siegel, 1979) em que o N é igual ou superior a 25, pode ser considerado grande, mas o principal critério (Blalock, 1979 pp. 31 - 40), é o número é igual ou superior a 50 que indica não só o aumento progressivo da dificuldade de análise de dados como é ridículo de fazer cálculos elaborados com um número de participantes inferior a este número, bastando a chamada contagem. Quando se tem um número elevado de dados ou um número superior a 50 participantes, é útil importar elementos das metodologias quantitativas, surge assim uma pesquisa organizada qualitativamente. Passando para o campo da pesquisa organizada quantitativamente (D'Ancona, 1998), esta surge quando se parte de numa perspectiva de pluralismo metodológico se quer ir mais além e não uma mera verificação de hipóteses, o texto ganha importância e importam-se elementos das metodologias qualitativas.

2.2 Flexibilidade *versus* Standardização

A flexibilidade e a standardização fazem parte de qualquer pesquisa social, quer de uma forma teórica quer metodológica (Flick, 2005; Silvermann, 2013). Numa perspectiva pura, a pesquisa qualitativa (Denzin & Lincoln, 2011, pp. 4 - 10), está ligada à flexibilidade ligada à noção que o investigador é o principal instrumento de observação com um papel de construção, adaptação das práticas de investigação no terreno, assim como na interpretação dos dados, o que é explicado (Silvermann, 2013, pp. 6-8), pelo interesse na subjectividade e autenticidade da experiência humana. O processo de investigação é circular onde (Flick, 2005, p. 44; Glasser & Strauss, 1967), onde quaisquer elementos são passíveis de ser revistos e reformulados, numa lógica (Hammersley, 2013 p.

12), é indutiva, abductiva ou orientada para dados. No campo da pesquisa quantitativa a estandardização (Flick, 2005), está ligada a uma concepção onde todos os elementos da investigação são pré-definidos, necessitando o investigador que aplicar os métodos e técnicas no terreno para um teste de hipóteses, num esquema rígido. Numa referência à neutralidade axiológica (Weber, 1979), o investigador é um mero observador sem interferir no meio ou ter qualquer influência no processo de investigação.

No campo das pesquisas organizadas qualitativamente ou quantitativamente, existem correntes qualitativas baseadas numa filosofia positivista (Denzin & Lincoln, 2011), e no caso das entrevistas (Ghiglione & Matalon, 1992), mesmo numa perspectiva quantitativa o factor humano é importante na sua aplicação como técnica que envolve um contexto de trocas em factores que não podem ser pré-definidos mas apenas geridos numa situação concreta.

2.3 Contexto versus Abstracção

Embora todas as pesquisas de um modo ou outro impliquem, em algum nível, quer contextualização quer abstracção, a pesquisa qualitativa é marcada pela primeira e a segunda pela abstracção. A pesquisa qualitativa, especificamente apresenta um legado contextual (Saldaña, 2011, p. 23), isto significa que os estudos têm por base um contexto marcado pelo trabalho de campo (Stake, 2010, p. 19), baseado na descrição da linguagem natural e interpretação do investigador. A pesquisa quantitativa encontra-se no campo da abstracção, do raciocínio lógico e a nível explicativo centrada nos enunciados independentemente do contexto (Popper, 2016).

Os desenhos de investigação (1998, pp. 107 – 110) são classificados em exploratórios, descritivos, explicativos, preditivos e avaliativos, por esta ordem, constituem-se como níveis pelos quais pode passar uma pesquisa. Em termos de pesquisa qualitativa pura, (Lincoln & Guba, 1985, pp. 110 – 128) a generalização é naturalística está associada a contextos específicos, se quiser aumentar a generalização, terá que transcender o nível exploratório e descritivo, logo organizado qualitativamente, passando a questão para o campo quantitativo, se esta, que é explicativa e preditiva, necessitar de explorar e descrever, necessariamente será organizada quantitativamente.

2.4. Dar Voz, Intervir versus Neutralidade Axialógica

Este é um aspecto já indicado e que se reitera, aqui, numa pesquisa quantitativa pelo princípio da neutralidade axialógica (Weber, 1979) em nome da objectividade o investigador a um mero observador procurando evitar que este confunda o que é seu do que é do campo e contaminar este com aspectos pessoais que não são deste (Miles, Huberman. & Saldaña, 2014, pp. 296 - 299). Qualquer pesquisa empírica é mediada por um enquadramento teórico, hipóteses e instrumentos de pesquisa que procuram reduzir a intervenção directa do investigador na produção de conhecimento. Na pesquisa qualitativa pura reitera-se novamente o papel do investigador como principal instrumento de pesquisa (Corbin & Strauss, 2015), no entanto vai-se mais longe, com a Auto etnografia é reconhecida a importância das experiências e pertença cultural do investigador tanto na interpretação como nas escolhas do mesmo podendo implicar uma atitude de envolvimento e crítica da sociedade (Denzin, 2010). O investigador pode ir mais longe e dar voz e aos participantes pode mesmo querer intervir mudando a sociedade (Denzin, 2016).

Fica claro que aquilo que torna a pesquisa qualitativa pura das restantes, é o reconhecimento do investigador como parte do conhecimento produzido e a quantitativa procura que este seja apenas um meio de aplicar elementos pré-definidos. Facto é que (Hammersly & Atkinson, 2007), em questão está na forma como a influência do investigador afecta o processo de pesquisa e como esta questão

é vista. Na pesquisa qualitativa, o investigador é parte do campo de investigação, e este é um meio utilizado para interpretar o meio estudado. A reflexividade, é na pesquisa quantitativa um meio para evitar quer o envolvimento quer a contaminação do terreno. A questão é que quer do lado quantitativo não se pode ignorar o papel do investigador quer do lado qualitativo o cuidado de não distorcer a pesquisa quer com aspectos que não fazem parte do terreno quer com questões de natureza política.

2.5. Uma Questão de Atitude.

O grande problema que se colocou desde o início foi a dificuldade em distinguir a pesquisa qualitativa, para chegar à conclusão que é uma questão de atitude perante a investigação. Numa aproximação a esta classificação Goertz & Mahoney (2012), reuniram contribuições de diversos autores sobre o que diferencia a pesquisa qualitativa da quantitativa, que é vista como uma questão cultural. Transpondo os elementos reunidos para a proposta deste artigo, números e letras são ambas flexíveis, podem utilizar vários métodos e são traduzíveis por relações lógicas, a sua utilização depende da atitude do investigador objectivo a que se propõe.

Como atitude perante a investigação, o qualitativo e o quantitativo antecedem a própria pesquisa com o termo tradição que inclui a formação do investigador as características da comunidade de que faz parte (Kuhn, 1998). Uma pesquisa quantitativa procura de um conhecimento neutro, universal e abstracto, onde se procura evitar quer a influência do investigador quer do meio ambiente, que está orientada para a verificação de hipóteses baseadas em elementos definidos apriori. A atitude qualitativa procura conhecimento contextualizado, implica uma abordagem compreensiva, que mais que explicar procura obter significados. O investigador, é o principal instrumento de investigação, obtendo com conhecimento através da utilização sistemática de técnicas e métodos de observação, tendo um papel central da interpretação e análise de dados, sendo que os participantes com a sua forma de ver o mundo são os principais elementos para a construção de conhecimento.

Neste ponto e entrando no campo da pesquisa organizada quantitativamente ou qualitativamente, é preciso ir além destas duas dimensões; pode acontecer que não exista conhecimento suficiente para fazer uma pesquisa quantitativa e o investigador tenha que incluir um olhar mais qualitativo e do outro lado, numa pesquisa qualitativa pode ser necessário incluir unidades maiores e trabalhar grandes quantidades de informação e aí ceder a uma atitude mais quantitativa.

2.5. Onde Pára a Pesquisa Mista?

Tal como nas pontas, a pesquisa mista não existe na prática, é um ideal, (Morse & Maddox, 2014), as pesquisas e os investigadores tendem para uma abordagem quantitativa ou qualitativa.

Em termos de criação de um ideal tipo os métodos e técnicas qualitativas e quantitativas se misturam sem que um se sobreponha aos outros. Estes completam-se e existem em função de um objecto de estudo, uma pergunta de partida, um fenómeno ou um problema social. Em termos metodológicos a pesquisa mista, coloca-se em termos de métodos múltiplos, onde de uma forma prática, as classificações se tornam inúteis para dar lugar á sua utilidade em torno de uma investigação concreta

A estas condições, correspondem apenas à triangulação, (Yin, 2014, pp. 118 – 123), utilizam-se múltiplas fontes de evidência, confrontam-se os resultados de cada metodologia, (Patton, 2015, pp. 662 - 672), em que estes se complementam e aumentam a credibilidade dos estudos. A triangulação dá-se a nível das diversas fontes de informação, métodos, revisões dos dados por diversos analistas e a utilização de múltiplas perspectivas ou teorias na interpretação de dados. No caso dos métodos

mistos o quantitativo e o qualitativo complementam-se, integrando-se aumentando o grau de generalização.

As metodologias mistas surgem neste campo, (Tashakkori & Teddlie, 1998), como uma forma de ultrapassar as guerras de paradigmas, mas também, de uma forma generalizada presente na literatura uma dificuldade em integrar metodologias quantitativas e qualitativas. Uma das vertentes levantadas por estes autores, é a possibilidade de quantificar dados quantitativos e quantificar dados qualitativos. Volta-se novamente à questão que o quantitativo e qualitativo não tem necessariamente a ver com números ou texto, mas com a atitude perante a investigação.

Conclusão

Este artigo começou com o convite a uma abordagem das Ciências Sociais mais reflexiva orientada para a crítica da produção científica, assim como para o desenvolvimento de ferramentas a aplicar no terreno. A reflexão efectuada abordou o problema da distinção entre pesquisa qualitativa e quantitativa que é artificial e difícil de fazer, ambas contribuem e fazem parte do conhecimento.

O autor deste texto, não vem, nem pretende apresentar algo de novo, apenas criar uma classificação mais simples e clara do que é quantitativo e qualitativo em ciências sociais. O ser humano apenas compreende o mundo se classificar e catalogar o que o rodeia (Vignaux, 2000). A simplicidade e a clareza advêm de numa recta existirem apenas cinco classificações: qualitativa, organizada qualitativamente, mista, organizada quantitativamente e quantitativa. A realidade é que a maior parte das pesquisas ou são organizadas qualitativamente ou quantitativamente (Morse & Maddox, 2014), não existindo nem nas pontas nem no meio. Não se optou por colocar na recta qualquer metodologia, cabe a cada um, segundo os critérios, verificar se esta fica mais próxima do centro, se passa para uma abordagem principalmente quantitativa.

Termina-se com uma de muitas respostas a duas perguntas colocadas no início deste artigo: o que é e porquê escolher uma pesquisa qualificativa? A resposta que se encontrou nas leituras é que a pesquisa qualitativa corresponde a uma visão das Ciências Sociais mais próxima do investigador e das pessoas, seres humanos como centro do estudo. O mundo não é um lugar unívoco ou mesmo uniformizável, é um lugar de variedade de formas de estar e conceber a vida, apresentam-se assim muitas lógicas que só são visíveis se o investigador as olhar de perto, muitas delas associadas a uma dimensão pequena num contexto particular. Todo aquele que opta por uma via qualitativa das ciências sociais escolhe olhar e ter um olhar mais humano do mundo e da sociedade onde cada um é mais que uma coisa, é alguém que faz parte de um fenómeno social em estudo e do processo de produção de conhecimento.

O objecto de estudo da pesquisa qualitativa são o individual, o pequeno grupo, uma comunidade, cada uma com uma lógica particular (Friedberg, 1993), e uma carga subjectiva associada a uma parte da sociedade e não ao todo. Esta realidade explica a variedade de metodologias, métodos e técnicas sob o chapéu da designação qualitativa, que a torna difícil de definir (Denzin & Lincoln, 2011), tal como a realidade que pretende estudar. Esta imprecisão aparente existe em função dos objectos de estudo, mas qualquer metodologia qualitativa implica a utilização de métodos e técnicas aplicadas de um modo sistemático, a sua análise inclui a lógica e a validação dos dados quer pela correspondência às contribuições dos participantes quer pela passagem pelo crivo da comunidade académica (Corbin & Strauss, 2015).

Porquê a pesquisa qualitativa? Porque a ciência é feita por Homens, para Homens, que não são iguais, não são estandardizáveis, embora tenham muito em comum. Não se podem fazer grandes generalizações, nem estudar grandes unidades sociais sem qualificar e compreender o pequeno e único que as compõem.

Referências

- Almeida, J. F. & Pinto, J. M. (1986). Da Teoria à Investigação Empírica. Problemas Metodológicos Gerais. In Silva, A. S. & Pinto, J. M. (Org.). Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Porto Editora (pp. 30 – 51).
- Blalock, H. M. (1979). Social Statistics (Revised 2nd Ed.). Auckland: McGRAW-HILL EDITONS
- Bravo, R. S. (1992). *Técnicas de Investigación Social:Teoría y Ejercicios* (8ª Ed.). Madrid. Editorial Paraninfo. S. A.
- Corbin, J. & Strauss, J. (2015). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developement Grounded Theory*. (4th Ed.). London: Sage Publications Ltd
- Creswell, J. W. (2014). *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Aproaches* (4th Ed.). London: Sage Publications Ltd.
- D'Ancona, M. A. C. (1998).*Metodologia Cuantitativa:Estrategias y Técnicas de Investigacion Social*. Madrid: Editorial Síntesis, S. A.
- Denzin, N. K. (2016). What Is Critical Qualitative Inquiry. In Cannella, G. S., Pérez, M. S. & Pasque, P. A. (Ed.). Critical Qualitative Inquiry: Foundations and Futures (pp. 31 - 51). London: Routledge.
- Denzin, N. K. (2010). *The Qualitative Manifesto: A Call to Arms*. London: Routledge.
- Denzin, N. K & Lincoln. Y. S. (2011). Introduction: The Discipline and Practice of Qualitative Research in Denzin, N. K & Lincoln. Y. S. (Ed.). *The SAGE Handbook of Qualitative Research* (4th Ed. pp. 1 - 20). London: Sage Publications Ltd
- Dey, I. (1999), *Grounding Grounded Theory: Guidelines for Qualitative Inquiry*. Bingley: Emerald.
- Eco, U. (1991). *Como se Faz uma Tese*. (3ª Ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa. Monitor.
- Friedberg, E. (1993) : *Le Pouvoir et la Règle:Dynamiquede L'Action Organisée*. Paris: Seuil
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O Inquérito: Teoria e prática* (C. L. Pires, Trad.). Oeiras: Celta Editora
- Goertz, G. & Mahoney, J. (2012). *A Tale of Two Cultures: Qualitative and Quantitative Research in Social Sciences*.Princeton: Priceton University Press.
- Lincoln, Y. S. & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic Inquiry*. London: Sage Publications Ltd.
- Habermas, J. (1990). *La Lógica de las Ciencias Sociales* (4 Ed.). Madrid: Editorial Tecnos. S. A.
- Hammersley, M. (2013). *What is Qualitative Research*. London: Bloomsbury.
- Hammersly, M. & Atkinson, P. (2007). *Ethnography: Principles in Practice* (3rd Ed.). New York: Routledge

- Kuhn, T. S. (1998). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. (2ª Ed.) São Paulo: Editora Perspectiva
- Habermas, J. (2009). Técnica e Ciência como "Ideologia". Lisboa: Edições 70
- Lakatos, I. (1970). Falsification and the Methodology of Scientific Research Programmes. In Lakatos, I. & Musgrave, A. (Ed.). *Criticism and Growth of Knowledge: Proceedings of the International Colloquium in the Philosophy of Science*, London (pp. 91 - 96) Vol.4. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lallement, M. & Lima, L. (2009). Idéal-type et convention: complémentarité ou concurrence?. In Legrand, P. (Dir.). *Comparer les Droits Résolement* (pp. 379 - 403). Paris: Presses Universitaires de France.
- Likert, R. (1932). *A Technique for the Measurement of Attitudes*. *Archives of Psychology*. 140 pp 1–55
- Maxwell, J. A. (2013). *Qualitative Research Design: An Interactive Approach*. (3rd Ed.). London: Sage Publications Ltd.
- Merton, R. M. & Barbier, E. (2004). *The Travels and Adventures of Serendipity*. New Jersey: Princeton University Press.
- Miles, M. B., Huberman, A. M. & Saldaña, J. (2014). *Qualitative Data Analysis: A Methods Sourcebook* (3rd Ed.). London: Sage Publications Ltd.
- Mills, C. W. (2000). *The Sociological Imagination* (40th Anniversary Edition). Oxford: Oxford University Press (Original published in 1959)
- Morse, J. M & Maddox, L. J. (2014). Analytic Integration in Qualitatively Driven (QUAL) Mixed and Multiple Methods Design. Flick, U (ED.). *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis* (pp. 524 – 553). London: Sage Publications, Ltd.
- Nunes, A. D. (1988). Histórias, uma história e a História – sobre as origens das modernas Ciências Sociais em Portugal. In *Análise Social*, Vol. XXIV (1.º. n.º 100) pp. 11-55. Consultado em 30 de Novembro de 2016 em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223029252W8aVW7tu1Gu31FF0.pdf>
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative Research & Evaluation Methods* (4th Ed.). London: Sage Publications, Ltd.
- Pinto, J. M. (2004). Formação, tendências recentes e perspectivas de desenvolvimento da Sociologia em Portugal. *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 46, pp. 11 – 31. Consultado em 30 de Novembro de 2016 em <http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/46/496.pdf>
- Popper, K. (2016). *O Mito do Contexto: Em Defesa da Ciência e da Racionalidade*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Saldaña, J. (2011). *Fundamentals of Qualitative Research: Understanding Qualitative Research*.

Oxford: Oxford University Press.

Siegel, S. (1975). *Estatística Não-Paramétrica: Para as Ciências do Comportamento*. São Paulo: Editora McGraw-Hill Ltda

Silverman, D. (2013). *Doing Qualitative Research* (4th Ed.). London: Sage Publications, Ltd.

Stake, R. E. (2010). *Qualitative Research: Studying How the Things Work*. London: The Guilford Press.

Tashakkori, A. & Teddlie, C. (1998). *Mixed Methodology: Combining Qualitative and Quantitative Approaches*. London: Sage Publications, Ltd.

Vignaux, G. (2000). *O Demónio da Classificação: Pensar/Organizar*. Lisboa: Instituto Piaget

Weber, M. (1995). *Économie et Société/1: Les Catégories de la sociologie*. Paris: Agora.

Weber, M. (1979). *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Yin, R. K. (2014). *Case Study Research Design: Design and Methods* (5th Ed). London: Sage Publications, Ltd.